

O VAQUEIRO DISSE E O BOI SE FEZ

Rita Felix Fortes*

*Encontrei Melim-Meloso
fazendo idéia dos bois:
O que ele imagina em antes
vira a certeza depois.
(Guimarães Rosa)*

RESUMO: Em “Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi”, conto curto – como todos de Tutaméia – João Guimarães Rosa, além de se ater ao folclórico e decantado tema do boi, discute a relação entre o homem e o tempo, ante cuja inexorabilidade resta, apenas, criar através da linguagem, um universo imaginário – assim como a literatura – capaz de converter-se em alento para seu criador.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa, boi-palavra, tempo.

ABSTRACT: In “Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi “ (The three men and the ox from the three men who had invented an ox), short story – as all stories from Tutaméia – João Guimarães Rosa, besides focusing at the folkloric and decanted the ox subject, argues about the relation between the man and the time, beyond such inexorabilities it remains, only, to create throughout the language, an imaginary universe – as well as literature – capable to become a relieve to its creator.

KEY-WORD: Guimarães Rosa, ox-word, time

O PODER CRIADOR DA LINGUAGEM

É indissociável a correlação ente a constituição humana e a aquisição da linguagem. Tanto é assim que, no *Gênesis* – o primeiro livro da Bíblia, no qual é descrita a criação do mundo –, será a partir da palavra de Deus que o mundo teria se materializado e, uma vez criada a matéria, caberá a Adão nomear toda a criação divina. “Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse” (*Gênesis*, 2, 19). Ou seja, ao nomear a criação divina, o homem torna-se parceiro do Criador, atribuindo, graças à palavra, a tudo o que foi criado uma identidade simbólica capaz, inclusive, de transcender e sobreviver à existência material. Osman Lins, ao discutir a fundamental importância da linguagem, afirma que:

* Professora Associada do Curso de Letras da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste.

Duas vezes foi criado o mundo: quando passou do nada para o existente; e quando, alçado a um plano mais sutil, fez-se palavra. O caos, portanto, não cessou com o aparecimento do universo; mas quando a consciência do homem, nomeando o criado, criando-o portanto, separou, ordenou, uniu. A palavra, porém, não é o símbolo ou reflexo do que significa, função servil, e sim o seu espírito, o sopro na argila. Uma coisa não existe realmente enquanto não for nomeada: então, investe-se da palavra que a ilumina e, logrando identidade, adquire igualmente estabilidade (LINS, 1975, p. 117).

Tutaméia (Terceiras estórias), publicado em 1967 – ano da morte de João Guimarães Rosa –, prenuncia, deste o título, ser um livro que trata das minudências da linguagem. O título *Tutaméia*, oriundo do regionalismo brasileiro – derivado de tuta-e-meia – significa coisa de pouca monta, ou baixo valor. O subtítulo *Terceiras estórias* corrobora esta idéia, já que o autor havia publicado *Primeiras estórias* em 1962, embora não tenha publicado as segundas estórias. Isto significa que Guimarães Rosa parte da premissa de que a palavra permite que se construa um universo imaginário que não tem, necessariamente, que estar respaldado em um contexto lógico e matemático. A exemplo do que fez Jó Joaquim, protagonista do conto “Desenredo”, (ROSA, 1976, p. 38-40), a criação lingüística pode ser amatemática, antepesquisa, acronológica. Ou seja, a linguagem propicia a criação de um universo próprio, cujas referências podem, eventualmente, ser plausíveis, apenas, em sua dimensão de palavra. Mesmo quando na contramão da matemática, da lógica e da pesquisa, a palavra permite que se construa um universo para além do mundo real e, por ser imaginário, mais amplo, diverso e complexo, capaz de abarcar as diversidades de possibilidades da criatividade humana.

Os quatro prefácios de *Tutaméia* fazem claras referências à matéria lingüística que serve de base à construção das estórias e causos populares. Estes são classificados por Paulo Rónai como: “Aletria e hermenêutica” “uma pequena antologia de anedotas sobre o absurdo” (RÓNAI, 1976, p. 195); “Hipotrérico” seriam “divertidas e expressivas inovações vocabulares” (RÓNAI, 1976, p. 195); “Nós, os temulentos”, apesar de se ater às singelas anedotas de bêbados, resultam em “uma sucessão de prosopopéias [rivalizando] com esse outro temulento que é o poeta” (RÓNAI, 1976, p. 195); “Sobre a escova e a dúvida” se refere, poeticamente, às “metamorfozes lexicais e sintáticas” (RÓNAI, 1976, p. 195). Ou seja, é indiscutível que o propósito de Guimarães Rosa é instaurar no livro um contexto auto-referencial, cujo significado tem que ser buscado no interior da obra, portanto, na linguagem.

Além dos prefácios, nos quais a temática é a linguagem, há vários outros contos que se atêm à criação de uma espécie de supra-realidade lingüística, cuja lógica vigora, apenas, no contexto ficcional da obra. Os

contos “Desenredo”, “João Porém, o criador de perus”, “Lá nas campinas” “Melim-Meloso”, “Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi”, “Se eu seria personagem”, dentre outros, tratam desta capacidade criativa humana de, via palavra, instaurar um universo que, embora subverta a lógica convencional, é absolutamente verossímil se vinculado ao poder criativo da linguagem de transcender o mundo lógico e criar uma espécie de universo da linguagem que extrapola o real e instaura uma “realidade” outra, mais profunda e perene do que a das bitolas do mundo real e lógico.

Partindo dos prefácios de *Tutaméia*, que funcionam como uma espécie de teoria rosiana sobre o processo criador da literatura, objetiva-se analisar como Guimarães Rosa, no conto “Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi”, concebe o momento no qual três vaqueiros teriam imaginado um boi maravilhoso, nos moldes do Boi-Espácio, do Boi Vitor e do Rabicho da Geralda¹ – bois imaginários que povoam o folclore brasileiro –, mas que, ao contrário dos bois folclóricos, reflete o processo de criação da linguagem enquanto gênese irrecuperável dos mitos, fonte esta da qual emergiria o boi imaginado pelos vaqueiros como uma força mágica da natureza a se contrapor à mediocridade do mundo real.

No final do XVI, no sertão nordestino, especialmente às margens do Rio São Francisco, a pecuária já estava estabelecida e entranhada ao processo produtivo da colônia. O ciclo do gado, ou do couro, se consolidou no sertão, cujos espaços ilimitados, muitas vezes caóticos, propiciaram este tipo de produção, levando à povoação da vasta região semi-árida. Aqueles amplos espaços, onde a vida, muitas vezes, é periclitante, propiciaram uma relação estreita entre os vaqueiros e o gado, o que dará mote para a criação de bois imaginários que – a exemplo dos vaqueiros corajosos – desafiam todas as adversidades para se manterem livres e, assim como os sertanejos, serem vencidos apenas pela seca. Esses bois folclóricos são personagens planas, que seguem seu instinto de liberdade e desenvolvem uma extrema habilidade de cinzar seus perseguidores. Apesar de, indiscutivelmente, terem servido de “matéria vertente” para o conto rosiano, o boi imaginado no conto em análise – na contramão dos seus inspiradores – tem a função de desvelar a delicadeza dos meandros da imaginação do sertanejo em especial, e a significativa relação humana com o tempo e com a saudade. O conto, assim em *Tutaméia* como um todo, tem como principal tema o mágico poder da linguagem.

O boi-palavra inventado pelos vaqueiros extrapola o círculo dos seus criadores e ganha o sertão, incorporando-se ao imaginário popular. Graças a este desdobramento, a despreziosa brincadeira da qual o boi se originou

¹ O *Boi-Espácio*, o *Boi Vitor* e o *Rabicho da Geralda*, dentre outros, fazem parte “ciclo do boi”, modalidades narrativas da poesia popular oral do nordeste brasileiro, mas que também se faz presente no Planalto Central.

voltará para um dos seus criadores, já velho, solitário e desencantado, como um último refúgio de alegria. Ou seja, de acordo com a perspectiva rosiana, a palavra teria o poder de instaurar uma supra-realidade, tão imaterial quanto perene, capaz, inclusive, de correr o mundo/sertão e retornar, como um mágico alento, para quem a criou.

O boi enquanto tema folclórico é recorrente, especialmente no Nordeste, onde suas façanhas são sempre louvadas e onde ele encarna a força da natureza (CASCUDO, 1988). Entretanto, como o folclore sobre o boi já foi amplamente estudado, objetiva-se, neste estudo, não discutir sobre o boi propriamente dito, mas a gênese de uma pseudocriação mítica, fruto da necessidade humana de conceber um mundo imaginário, pautado na linguagem, capaz de transcender as limitações, as adversidades e dores inerentes à condição humana, *a priori*, fadada ao fracasso.

AS DOBRAS DO TEMPO

O conto “Os três homens e o boi dos três homens que inventarem um boi” é uma estória singela e surpreendente, na qual uma brincadeira desprezível de três vaqueiros teria se incorporado ao folclore – nos moldes do *Boi-Espácio*, do *Boi Vítor* e do *Rabicho da Geralda*. A estória de como nasceria mais um boi fantástico, fruto da fantasia humana e da necessidade dos vaqueiros de imaginarem seres míticos, capazes de trazerem algum encanto à árdua labuta dos peões, é um dos aspectos relevantes do conto. Entretanto, além deste tema evidente, há uma subliminar discussão sobre a melancólica relação entre a saudade e a inexorabilidade do tempo, que é tão ou mais relevante que o tema evidente da estória.

O homem está, sempre, reinventando o tempo e sua relação com ele faz com que alguns momentos – que, ao serem vividos puderam parecer banais – sejam constantemente retomados, convertendo-se em *flashes* repetitivos enquanto fonte perene de sofrimento ou de alento e encantamento, aos quais a memória sempre volta. Estes *flashes* convertem-se em pontos nodais do passado, como ilhas de encantamento – ou de dor – como momentos desdobráveis. É a esta necessidade humana que Guimarães Rosa se atém ao discutir a relação entre o homem e o tempo.

Os desdobramentos do tempo não têm, necessariamente, que se respaldar em fatos concretos; podem, também, pautar-se no valor simbólico atribuído a alguns momentos que, ao se perderem no passado, portanto, na dimensão virtual da memória, vão sendo envolvidos em uma aura de encantamento – ou, no caso oposto, de sofrimento – que funcionam como alento – ou fonte de dor. Esta intuitiva e complexa reflexão sobre o tempo é tema recorrente desde o início da Idade Média, quando Santo

Agostinho – teólogo do início do período medieval – postulou que passado, presente e futuro, de fato, se embaralham no presente, visto que:

somente o presente [existe] porque os outros dois [passado e futuro] não existem? Ou podemos dizer que eles realmente existem, e que o futuro, tornando-se presente, sai de algum lugar oculto, e que, tornando-se passado, torna a entrar em algum lugar secreto? (...) Não se pode ver o que não existe. E aqueles que narram coisas passadas, não poderiam relatar coisas verdadeiras, se não as vissem na mente. Ora, se o passado realmente não existisse, de modo algum poderia ser percebido. De onde se conclui que tanto o futuro o passado existem (AGOSTINHO, 1984, p. 321).

A relação entre o passado, que existe, apenas, no plano virtual da memória, mas que, graças a esta, se desdobra no presente e se projeta, via expectativa, na dimensão do futuro é muito bem dimensionada no conto rosiano. O episódio inicial do conto, no qual os três vaqueiros inventam um boi, no momento objetivava, apenas, “matar o tempo”. Entretanto, posteriormente, aquele fugaz e desprezioso instante vai sendo envolto em uma aura encantatória, à qual – nos momentos adversos da vida – os vaqueiros voltam em busca de alento, como a um momento especial de suas vidas.

Ponha-se que estivessem, à barra do campo, de tarde, para descanso. E eram o Jerevo, o Nhoé e Jelázio, vaqueiros dos mais lustrosos. Sentados vis-a-visantes acorados, dois; o tércio, Nhoé, ocultado [...] Só apreciavam o se-espíritar da aragem vinda de árvores repassar-se, sábios com essa tranqüilidade. Então que, um quebrou o ovo do silêncio: – “Boi...” – certo por ordem da hora citava caso de sua infância, do mundo das inventações; mas o mote se encorpou, raro pela subiteza. – “Sumido...” – outro disse, de rês semi-existida diferente. – “O maior” – secundou o primeiro. – “...erado de sete anos...” o segundo recomeçou; ainda falavam separadamente. Porém: – “Como que?” “(...) – Um pardo!” – definiu Jelázio. – “... porcelano” – o Jerevo ripostou. [...] Assim o boi se compôs, ant’olhava-os... (ROSA, 1976. p. 111).

O boi imaginário nasce, segundo o narrador, de uma possível reminiscência de infância daquele que – sem ser identificado no conto – inicia o processo lingüístico da criação do boi. Ou seja, este emerge do plano da memória – certo por ordem da hora citava caso de infância, do mundo das inventações. Mas, ato contínuo, o boi passa a ser composto coletivamente e torna-se um marco temporal na trajetória dos três vaqueiros. Entretanto, a despeito do tom lúdico e infantil do momento, a marca da realidade se faz presente e o mágico instante do processo de criação do boi, traz os

vaqueiros de volta à “realidade”. É a consciência da distância entre o mundo sonhado e o real que faz com que Nhoé, um dos vaqueiros, rompa o enlevo. A ruptura advém do conhecimento de Nhoé de que, no tempo presente e na dimensão real, Jelázio – em perfeito conagraçamento com Jerevo no plano do imaginário – é amante da mulher de Jerevo. É por temer que o imaginário se embaralhe ao real que Nhoé tem um pensamento desagradável, em função do triângulo amoroso, e quebre o encantamento do momento. “ Nhoé quis que fossem dali – por susto do real, ciente de que com a mulher do Jerevo Jelázio vadiava...” (ROSA, 1976. p. 111).

Posteriormente, como desdobramento daquele momento no qual o boi foi “concebido”, a mulher de Jerevo – que, indiretamente, foi a responsável pela quebra do processo mágico de criação do boi – passa a contribuir para a sua composição, quando o rechaça. “-‘Sai, boi!’ ela troçava mistério deles, do que fino se bosquejava. O *Boi bobo* – de estatura” (ROSA, 1976. p. 113). Sou seja, ao rechaçar o boi, a mulher, pelo caminho oposto, torna-se parceira dos vaqueiros na composição do boi, cujo momento de criação já faz parte, apenas, do plano virtual da memória. Tanto é assim que, ato contínuo ao rechaço, Jerevo e Jelazio, novamente conagraçados, passam a rememorar a infância perdida: “ Mas depois o Jerevo e Jelázio falavam de suas mães e meninices e terras” (ROSA, 1976. p. 113). Apenas Nhoé se mantém à parte.

Tempos mais tarde, a mulher de Jerevo morre e, ao voltar do enterro, os três vaqueiros rememoram com profunda melancolia o momento da criação do boi. Portanto, em termos de concepção temporal, já há no conto momentos distintos: o passado mais remoto, no qual o boi foi imaginado; o passado mais recente, quando a mulher, alegremente, ri dos homens e de seu boi inventado; o tempo presente, quando a perda da mulher para Jerevo – e da amante para Jelázio – faz com que eles busquem alento no passado distante. Nhoé, embora não faça parte do triângulo amoroso, além de ser parceiro na criação do boi, partilha, sempre, com Jerevo e Jelázio estes momentos. Posteriormente, será Nhoé quem reencontrará o boi inventado, desvelando os desdobramentos temporais da estória.

[...] eles retornavam do enterro, em conta a tarde chovida de feia, em caminho bastante se enlameavam, esmoreceram, para beber e esperar. Então, podiam só indagar o que do Boi, repassado com a memória. Não daquele, bem. Mas, da outrora ocasião, sem destaque de acontecer, senão que aprazível tão quieta, reperfeta, em beira de um campo, quando a informação do Boi tinha sobrevindo, de nada, na mais rasa conversa, de felicidade. (ROSA, 1976, p. 113).

Este terceiro momento, tão sombrio e melancólico quando vivido, ganha para Nhoé outros contornos e, posteriormente, será mais uma fonte

de profunda saudade – assim como o fora o momento da criação do boi, rememorado na volta do enterro da mulher de Jerevo. No prosseguir, Jelázio morre, Jerevo vai embora e resta a Nhoé lembrar “ – saudoso momento daquele dia de enterro, dela, os três, a chuva, a lama, à conagraça, em entremeio de sofrimento” (ROSA, 1976, p. 113).

Finalmente, no final do conto, quando Nhoé reencontra seu boi – consolidado no imaginário sertanejo – do qual os vaqueiros contam loas, este momento, quando vivido, já prenuncia uma nova fonte de saudades futuras. “Dava nova saudade. Ali, às horas, ao bom pé de foto, escutava...” (ROSA, 1976, p. 114).

É surpreendente como Guimarães Rosa, em um conto cujo tema, aparentemente, seria apenas, folclórico, discute com muita propriedade a delicada relação entre o homem e o tempo e como o presente, ao ser vivido, pode, eventualmente, transformar-se em uma perene fonte de saudade e melancolia. Mesmo os momentos mais tristes podem – como fotografias que, no momento presente seriam descartadas, mas que, quando antigas ganham certo encanto por representaram o perdido – tornar-se fonte de saudade e melancolia. Ou seja, há uma articulação precisa da relação entre o fluir do tempo, a saudade e a melancolia inerente à condição de quem sabe que é mortal. Desta perspectiva, até a lúgubre volta do enterro investe-se de certa poeticidade. Entretanto, esta poeticidade resulta mais do dilatamento do passado do velho Nhoé, consciente do encurtamento de sua expectativa de futuro, do que dos fatos propriamente ditos. Mas Nhoé – assim como Melim-Meloso – ao fazer idéia dos bois, o que ele imagina antes, vira certeza depois.

O IMAGINADO ANTES VIRA CERTEZA DEPOIS

O espectro do boi imaginário, prenunciado pelo título do conto “O boi dois três homens que inventaram um boi” é recorrente na cultura popular sertaneja desde o final do século XVIII. Em geral, as estórias folclóricas são anônimas e seguem o mesmo roteiro: um boi criado à solta no sertão, ao ser encontrado pelos vaqueiros, dá um quinau em todos aqueles que tentam domá-lo, até que a seca o obrigue a buscar água nas regiões povoadas, sendo, então, capturado e morto. “O ciclo do gado na ‘cantoria’ sertaneja ou poética de improviso registra a história de animais que fugiram das fazendas, vivendo anos nas serras ou grotões, rebeldes às buscas vaqueiros e campeadores. Um dia, *finalmente, foram alcançados e mortos*” (CASCUDO, 1984, p. 356).

Entretanto, Guimarães Rosa retoma o tema não para se ater ao boi propriamente dito, mas à necessidade dos vaqueiros de imaginá-lo e, principalmente, à forma como este boi imaginado se avoluma e passa a

campear o imaginário sertanejo, até que Nhoé, um dos vaqueiros que o imaginou, assombrado pelo temor da uma velhice miserável e solitária que se aproxima, reencontra seu boi imaginário nas estórias contadas por um grupo de vaqueiros em uma estranha fazenda “encantada”.

Chegou a uma estranhada fazenda, era ao anoitecer, vaqueiros repartidos entre folhagens de árvores – “*O senhor que mal pergunte...*” – queriam que ao rol deles entrasse. – “*A verdade que diga...*” – vozes pretas, vozes verdes, animados de tudo contavam. (...) Refalam de um boi, instantâneo. Listrado, riscado, babante, façanhiceiro! – que em várzeas e glória se alçara, mal tantas malasartimanhas – havia tempos fora. Nhoé disse nada. O que nascido de chifres dourados (...) Só três propostos vaqueiros o tinham em fim sumetido... (ROSA, 1976. p. 114).

O tema folclórico é, apenas, um pretexto do autor para discutir sobre a complexa relação entre o homem e o tempo e sobre o maravilhoso poder da linguagem, capaz de converter uma estória imaginária, nascida da necessidade humana de criar um mundo plausível, apenas, na dimensão da palavra – assim como o boi – em um mito coletivo, que, de forma misteriosa, ganha o mundo, apartando-se de seus criadores. Tempos mais tarde, em um momento crucial para um dos vaqueiros que o imaginara, o boi, sem ter existido, converte-se em fonte de alento para quem o havia criado.

A temática referente à capacidade criativa da linguagem de conter em si mesma uma “realidade”, para além e posterior ao real, é discutida por Guimarães Rosa no primeiro prefácio de *Tutaméia*, quando ele, a propósito da teoria de Henri Bergson, afirma que: “... a idéia do objeto ‘não existido’ é necessariamente a idéia do objeto ‘existido’, acrescida da representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco”(ROSA, 1976, p. 7). Portanto, além do que já foi discutido acima a propósito do tempo, o boi é, apenas, um pretexto para que o autor se atenha ao poder “real” das imaginárias criações inventadas.

Nhoé que, melancolicamente, estava voltando para sua terra natal, na qual ele não sabia se estaria a salvo da mendicância, ao chegar à estranhada fazenda – na qual ele reencontra “seu” boi, ainda maior, e mais extraordinário do que quando havia sido imaginado – se identifica como parte relevante desta estória inventada. Ou seja, ele sabe que é um dos três vaqueiros que tinham sujigado o boi, visto ser aquele sujagável, apenas, pela força da linguagem.

Mas, o mais extraordinário e inusitado no conto é que o boi linguagem é quem dará guarida a um de seus criadores quando o prenúncio de uma velhice miserável o assombra. Quando Nhoé chega à estranhada fazenda, na qual os vaqueiros cantam loas ao boi, ele sente-se parte de um mundo

tão mágico e encantatório que decide envelhecer ali. “Tossiu firme o velho Nhoé, suspirou se esvaziando, repuxou sujigola e cintura. Se prazia – o mundo era enorme. Inda que para o mister mais rasteiro, ali ficava, com socorro, parava naquele certo lugar em ermo notável” (ROSA, 1976, p. 114).

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém*. Trad. Euclides Martins Balancin et. al. São Paulo: Paulus, 1985.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 8. ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. (Coleção Espiritualidade).
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo EDUSP, 1988.
- . *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984.
- LINS, Osman. “Retábulo de Santa Joana Carolina” In: *Nove Novena*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- RÓNAI, Paulo. “Os prefácios de *Tutaméia*”. In: ROSA, João Guimarães. *Tutaméia – Terceiras Estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. (Apêndice).
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia – Terceiras Estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.